

Falta “visão” para resolver problemas ambientais

António Trindade acredita que nos últimos 10 anos não se criaram “vontades” para resolver os problemas ambientais de Macau, pelo que defende a adopção de perspectivas integradas e não estudos “avulso” para cada sector. O presidente do grupo CESL Ásia defende ainda que a tomada de decisões exige “liderança e visão”, pois as “capacidades locais estão subaproveitadas” e existe uma desadequação entre a realidade e os protocolos e o plano de gestão de resíduos

■ Liane Ferreira

Para o presidente e CEO do grupo CESL Ásia, António Trindade, o território encontra-se numa fase de “revolução” que acredita será para melhor, no entanto, os desafios ambientais estão a tornar-se mais sofisticados e necessitam de uma abordagem integral e conjunta.

“Há uma sofisticação do mercado, da sociedade, e a regressão que poderá aparecer no PIB não representa a realidade do desenvolvimento de Macau. Aliás, acho que tem sinais contrários. Macau está a sofisticar-se e portanto as exigências da aplicação do conhecimento são maiores”, começou por dizer o JORNAL TRIBUNA DE MACAU, no stand instalado pela CESL Ásia, no Fórum e Exposição Internacional de Cooperação Ambiental de Macau (MIECF).

Na sua opinião, o que se tem “visto nos últimos 10 anos é que não se estabeleceram vontades em resolver o problema [dos resíduos e ambiente]. Fala-se nele, mas avulso”. Afirmando que os problemas dos resíduos sólidos, líquidos e poluição são as “consequências nefastas do desenvolvimento económico e social do antigamente”, sublinha que tal “hoje não se concebe”.

“O consumo excessivo de electricidade e de recursos tem impacto na criação de resíduos a todos os níveis. Tudo isto é uma perspectiva global, não faz sentido pensar isoladamente”, frisou.



Para António Trindade, “Macau tem limitações, mas não uma carência absoluta de capacidades e know-how local, porque tem especialistas, gente formada e com experiência e capacidade com alto valor acrescentado”. “Provavelmente há é que encontrar perspec-

tivas diferentes de avaliar a situação”, afirmou o CEO.

Em termos de resíduos sólidos, António Trindade considera ser necessário “definir medidas de sucesso de forma mais ampla”. “Não é uma nova central de incineração que vai resolver o problema, não é a separação de resíduos em si, mas é uma perspetivação comum de toda a sociedade, empresas, Governo e até dos visitantes”, disse, destacando também a necessidade de avaliar e encontrar parcerias. Estas podem ser locais ou internacionais, no entanto, devem sempre seguir termos de referência, sabendo olhar de forma crítica e mantendo-se sempre “na senda da perfeição”.

“Macau tem características muito próprias, as soluções que são boas para a cidade mais limpa do mundo não são quase de certeza as melhores soluções para cá, podem trazer muito ensinamento”, entende António Trindade.

Defendendo que é necessário ter em atenção que o território mudou “completamente” e se fazem “muitos planos”, nota que esses “não devem ser feitos por um especialista que vem não sei de onde”. Essa pessoa especializada deve ser integrada numa equipa com “sentido

de pertença e conhecimento sobre o que é o passo seguinte e não apenas indicar duas ou três linhas mestras, que são importantes, mas não resolvem o problema”.

O presidente da CESL Ásia vê como “absolutamente necessário daqui a três anos ter 15 a 20% de resíduos a menos e daqui a 10 anos ter 50% de resíduos a menos”. “Este é o objectivo que se apresenta e que acredito que ninguém se dispôs a pensar, nem no Governo, porque não há quem esteja de facto com a mão na massa e isso não faz sentido”, disse, sublinhando que a Direcção dos Serviços de Protecção Ambiental (DSPA) já vai no seu terceiro director sem grandes avanços.

“Genuinamente, existem capacidades locais que estão subaproveitadas e há desadequação com o que se faz, porque continua-se a fazer o que se fazia há 20 anos”, declarou, referindo que “os cadernos de encargos dos concursos, as soluções, a contratação é tudo de há 20 ou 30 anos e tudo viciado”.

Explicando que o plano de gestão de resíduos foi criado pela própria CESL Ásia há cerca de 28 anos, o mesmo responsável insiste que uma mudança “requer liderança e visão”. Por outro lado, admite que “nin-

guém colocou muita esperança na DSPA nem lhe deu um designio e capacidades muito grandes e a perspectiva de resolver, encontrar soluções e implementá-las”.

Referindo-se ao debate actual na sociedade sobre os contratos de serviços, António Trindade nota que as análises são “simplistas e sobre a rama, mas normalmente ouve-se pouco ou quase nada sobre a solução”. No seu ponto de vista, desapareceu da sociedade, dos meios técnicos e políticos o debate sobre o futuro do ambiente não havendo “ninguém que agregue as opiniões e encontre pontos comuns que criem valor e um caminho para os próximos 30 anos”.

Futuro optimista

Garantindo que a CESL Ásia continua actualizada, focando-se no conhecimento e formação das equipas, António Trindade considera que, além de todas as tecnologias e outros factores que ajudam a acrescentar produtividade e eficiência, “a inovação é um factor humano”. Daí que a empresa com quase 400 profissionais, 70% deles locais, tenha acumulado experiência ao longo destes anos.

Para o CEO, “os desafios são grandes nos próximos anos”, no entanto significam que as oportunidades se reavivaram. “Estamos bastante optimistas e somos altamente solicitados interna e externamente”, disse, acrescentando que essas oportunidades surgem no âmbito da plataforma de Macau entre a China e a Lusofonia.

“A perspetivação de Macau no serviço à Lusofonia e à China não é desprovida de propósito porque temos uma sociedade e economia que funcionam naturalmente assim”, afirmou, indicando que a empresa tem investimentos tripartidos com entidades chinesas em Portugal. Um destes, uma central solar de última geração é fruto de um protocolo de cooperação assinado no MIECF há cerca de cinco anos.

António Trindade frisou ainda que o MIECF, que hoje se inicia, é um evento único com “muita relevância para Macau mas que também tem claramente relevância regional, porque se tornou um ponto de encontro para empresas locais, do melhor que há na China, dos EUA e Europa”.

Para além disso, é um evento que mudou a sociedade local, pois há “10 anos ninguém falava de ambiente, ninguém falava de lixo e já havia problemas”.

17 expositores de Portugal no MIECF

A 9ª edição do Fórum e Exposição Internacional de Cooperação Ambiental de Macau (MIECF, na sigla inglesa), começa hoje com a participação de 17 entidades expositoras e sete oradores de Portugal. Entre os participantes portugueses estão empresas ligadas à agricultura, como a Agroop e a TERRA H2O, e à energia, como a Living Leds e a Firstreaston, mas também entidades como a Câmara Municipal de Guimarães e a Associação de Jovens Empresários Portugal-China. Do grupo de oradores, Ricardo Neto, presidente e gestor ibérico da European Recycling Platform, e José Pedro Salema, director executivo da Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas do Alqueva, vão participar no painel “Zero Resíduos e Elevada Eficiência – Estratégia Oceano Azul para o Sucesso das Empresas”. Amanhã, Inês Diogo, membro do Conselho Directivo da Agência Portuguesa do Ambiente, moderará o debate “Dos Resíduos aos Recursos e Recompensas”, sobre estratégias e incentivos económicos para as empresas melhor gerirem os seus resíduos. Outras sessões vão discutir as oportunidades de negócio ecológico para a indústria hoteleira, a construção sustentável, o tratamento de resíduos químicos sólidos e perigosos e as estratégias da região do Grande Delta do Rio das Pérolas no que toca à gestão de resíduos.